

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ

ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA: UTOPIA REACIONÁRIA?

Parte II

Organizadores
Joana A. Coutinho¹
John Kennedy Ferreira²
Rogata Soares del Gaudio³

Apresentamos o segundo número do Dossiê: Ascensão da extrema direita: utopia reacionária? Coincide nesse momento, com os resultados das eleições de 2022, que consagrou a vitória do candidato do campo progressista, Lula da Silva, contra o candidato Jair Bolsonaro, um dos representantes da extrema-direita no Brasil, que flerta abertamente com o fascismo. Essa vitória, mesmo com uma margem pequena de votos, representa uma reorganização na geopolítica da América Latina: Colômbia, Chile, Bolívia, Peru e Honduras (em todos competiam força progressista de um lado e, do outro, extrema-direita). Então, a vitória, no Brasil, tem a possibilidade de uma reconfiguração regional importantíssima, de uma frente que se posicione em bloco: México, Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, Venezuela, Bolívia, Peru, Honduras.

¹ Graduação em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1987), mestrado em Ciências Sociais: Sociologia Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996) e doutorado em Ciências Sociais: Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004). Pós-doc na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) (2018). Atualmente, professora Associada IV na Universidade Federal do Maranhão. Coordena o Grupo de Estudos de Hegemonia e Lutas na América Latina, vinculado ao Programa de Políticas Públicas, e pesquisadora do Núcleo Práxis da USP. Tem experiência na área de Ciências Sociais com ênfase em Ciência Política, atuando principalmente nos seguintes temas: ONGs, movimentos sociais, sociedade civil, Estado, ideologias, classes sociais e lutas de classes.

² Bacharel pela Fundação Escola de Sociologia e Política, mestre em Ciência Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC. Doutor em História Econômica, pela Universidade de São Paulo - FFLCh - USP. Atua como professor de Sociologia e de Ciência Política. Desde novembro de 2016 é professor do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

³ Possui Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1991), Mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997), doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG (2006). e Pós-doutorado em Geografia Humana pela USP (2021). Atualmente é membro do Neils da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, do Instituto de Cultura Ibero-Atlântica (ICIA, Portugal) e Professor Associado IV da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de GEOGRAFIA, com ênfase em Atitude e Ideologias Políticas, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia, Ideologia, Educação, Ensino de Geografia e Análise do Discurso.

O acesso da extrema-direita no cenário mundial nos últimos anos, e os recentes movimentos que se seguiram no Brasil, em desacordo com o resultado das eleições, capitaneado, principalmente, pelo agronegócio, com paralisações das estradas e algumas manifestações em frente aos quartéis, nos estados, pedindo intervenção militar, representando uma disputa política persistente, corrobora a importância dessa publicação.

O objetivo central refere-se a discutir o ascenso da direita no mundo, mas buscando as especificidades da América Latina e particularmente Brasil, no intuito de desvelar seus argumentos, movimentos e ações. A volta de governos progressistas-populares depois de uma onda de retrocessos no continente com Golpes institucionais com a chancela dos Estados Unidos: Honduras (2009), Paraguai (2012), Brasil (2016), Bolívia (2019), parece agora, consagrar uma segunda onda de governos populares; mas com grupos nos estados nacionais, com fortes características fascistas ou fascizantes que prometem uma oposição acirrada com a pretensão de desestabilizar esses novos governos, redesenhando a correlação de forças.

Nunca é demais lembrar como apontou Florestan Fernandes (1979) que a ideologia fascista sempre esteve presente nos governos militares da América Latina; e mais recentemente, Alain Badiou (2018) os denominou como exemplos de um “fascismo democrático”, ou seja, não há uma ruptura com as instituições, mas uma espécie de democracia limitada.

A “nova direita” — diferentemente das forças conservadoras da década de 1990 que se baseavam numa utopia do mercado e da modernidade, — representam a nostalgia de um passado “idealizado” com base em valores assentados na defesa da “família, exército e religião”. O fato é que esse “discurso” e as ações a ele associadas vem crescendo em momentos de crises como o que estamos vivendo, e tendem a crescer mais ainda com a promessa de recuperação de um passado que nunca existiu, mas que alimenta e de certa forma, acalenta o presente.

Estudar esse fenômeno, entendê-lo em sua forma e conteúdo é essencial para que possamos compreender e combater essa “volta ao passado, que justamente por ser “idealizada”, tem cooptado e convencido milhões de pessoas a se voltarem a ele como a alternativa ideológica, econômica, social e política possível.

Neste número da revista *Crítica e Sociedade*, publicamos a segunda parte do dossiê.

Iniciamos com o artigo, **Realismo, fascismo e fuga**, em que o autor Saulo Pinto analisa os problemas ideológicos do fascismo e o seu realismo, ou seja, a sua existência permite que pessoas comuns possam experimentar o delírio como única maneira de viver o realismo do capitalismo. Dialoga com o conceito de “fascismo democrático” e o coloca como uma variação da repetição do capitalismo.

Já no artigo **O velho fascismo e o fascismo digital**, dos autores, Sergio Amadeu da Silveira e Renato Rovai Junior, é abordada a metamorfose do fascismo na sua atual configuração em relação às experiências da Itália e Alemanha. Para os autores, o fascismo atual utiliza os meios de comunicação, *youtubers*, *influencers*, cientistas e dados etc. Concluem que sua manifestação no período contemporâneo é digital e com uma capacidade de mobilizar um exército de pessoas que deixam fluir seu preconceito e a internet se tornou a arena da disputa da hegemonia entre os grupos de extrema direita e os defensores da democracia

O fascismo ucraniano: corrente histórica, fator de instabilidade contemporânea o autor, Carlos Serrano analisa a gênese do fascismo ucraniano e busca demonstrar o papel central que ganhou desde os acontecimentos do Euromaidan (2013- 2014), a incorporação de milícias à estrutura do Estado e a influência na agenda política, sendo causa de instabilidade e guerra.

O artigo, **A guerra ideológica: a dialética raça/classe no Brasil contemporâneo**, de Joana A. Coutinho, busca situar como a questão étnica, o racismo que deita raízes na sociedade brasileira foi e é exacerbado nos governos de extrema-direita e particularmente no governo de Bolsonaro. O artigo aponta para uma questão crucial na luta contra o racismo, assim como contra o fascismo, a perspectiva de totalidade das lutas e, conseqüentemente, sua não fragmentação/hierarquização. Nesse sentido, trata-se de uma guerra, também, no campo da ideologia, a questão a ser posta é a unidade raça e classe; ou gênero e classe; é um desafio para a esquerda responder à questão das opressões sem fragmentar a luta.

Por que Bolsonaro seduz multidões? Lideranças, comportamentos políticos e fragmentação institucional em período de desmonte do Estado de Gilberto Maringoni, nos brinda com uma reflexão que se faz necessária: entender as razões que levaram, a uma boa parte do eleitorado, a votarem em Jair Bolsonaro, mesmo com uma gestão que levou a uma queda da qualidade de vida da população pobre; o descontrole da Covid-19, além de um discurso que exalta a violência e estimula ainda mais os vários tipos de preconceitos.

Capitalismo e patriarcado: uma leitura gramsciana da disputa hegemônica no Brasil no contexto bolsonarista, escrito por Gláucia Lelis Alves, traz, a partir de uma reflexão sobre o conceito de hegemonia de Antônio Gramsci e a luta de classes, a relação entre a crise orgânica do capital, a ofensiva reacionária e a correlação de forças frente ao fenômeno do bolsonarismo no Brasil: ameaças às pautas feministas e a luta para a construção da emancipação humana, que exige um estudo aprofundado do patriarcado e sua relação com as bases que estruturam o capitalismo.

Concluindo este número, temos o texto de Maria Mary Ferreira, **Mulheres, resistências feministas na luta antifascista no Brasil**. A autora analisa a eleição de Jair Bolsonaro e o retrocesso que se concretizou nas políticas sociais voltadas a questão de gênero. Mostra, em meio a tudo isso, a resistência dos movimentos feministas, transformando-se num dos principais movimentos de oposição ao governo, com ações pontuais de denúncias e nos atos pelo Impeachment, que tomaram ruas e praças em todo o País, no Ano de 2021.

Esperamos que as discussões conduzidas pelos autores neste dossiê sejam fontes de debate e potencialização de conhecimento neste momento que se torna cada vez mais indispensável ficarmos em alerta com as movimentações políticas e sociais ao nosso redor.

Boa Leitura!